

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



Sumário

Prefácio	11
<i>Valderez Carneiro da Silva</i>	
Introdução	15
Crônica prévia: A decisão de ler	19

PARTE UM

Cotidiano em um mundo líquido

Só mais uma, para garantir!	25
Eu não o ouço e você não me vê	29
Línguas de veneno e <i>bites</i> de maledicência	33
A cobra vitoriosa	37
Estratégia para a crise	41

A arte de corrigir o mundo	45
Somos livres?	49
Tem suco de quê?	53
Beber e viver	57
Afeto e bactérias	61
Atenção, passageiro, esta é a última chamada	65

PARTE DOIS

A família e o tempo

A mãe dele e a minha	71
A segunda chance	75
Crianças e Jerusalém	79
Carta ao pai	83
Histórias e crianças	87

PARTE TRÊS

História e memória

Houve escravidão no Brasil?	93
O direito de papel	97
Quando São Paulo parou	103
Intelectuais e política	107
Intelectuais: modo de usar	111
Em cima de quem cai a Bastilha?	115
A possessão demoníaca e a do capital	119

As rugas da memória	123
A magia do amor	127
O longo verão coreano	131
O futuro do pretérito	135
Em busca do tempo perdido	139
Velhas estátuas e velhas ideias	143
Explicação para futuro	147

PARTE QUATRO

Meu Brasil brasileiro

O que eu vejo	
das margens plácidas	153
A conta do almoço	157
SP e BR	161
Uma cidade sem letras	165
O local, o nacional e o universal	169
A República brasileira	
de um Mourão a outro	173
Medo ou esperança	177

PARTE CINCO

O mundo como eu vejo

Solitários entre monstros	183
Oração aos moços que envelheceram	188
A cidade e as serras	192
Crianças, cachorros e deuses	196

Presos em si	200
Solidão real e virtual	204
Da utilidade dos advogados	211
A alta cultura, a média, a baixa e a nossa	218
Quando algo termina?	224

PARTE SEIS

A fé dos religiosos e dos ateus

O livro dos livros	231
Desgostos de agosto	235
A cabeça do ateu	239
A bênção, padre Fábio	243
Sobre quem tem certeza e quem não tem	246
Santos e finados	250
Os nove convidados do Natal	253

PARTE SETE

A música do mundo

A vida do som e o som da vida	259
Santa Cecília e o governador Alckmin	263

Epílogo: Réquiem	267
O autor	271

Introdução

Em 2017, a Contexto deu-me a honra de acolher os textos do primeiro ano de trabalho para o jornal *O Estado de S. Paulo*. O livro chamou-se *Diálogo de culturas* e reuniu 54 crônicas. Na verdade havia um pouco mais, porque as colunas que se estenderam por duas edições do jornal formaram um único capítulo na obra.

A experiência da crônica duas vezes por semana é uma divisória tensa entre a alegria de escrever e a pressão de prazos e temas. Ser acessado por milhões de pessoas em papel e pela internet piora a angústia e a responsabilidade. Organizar ideias e dar-lhes forma é, como já foi

dito por pessoas mais hábeis do que eu, a arte de cortar mais do que a arte de escrever.

Criei uma divisão que, de alguma forma, constitui o leque básico sobre o qual discorro. Foram sete campos fruto dos meus interesses e dos limites e possibilidades da minha formação. Sete setores que podem agrupar em ilhas distintas o arquipélago do meu mundo e como minha visão dialoga com outras ilhas. Sim, sempre há algo de aleatório na organização posterior de linhas conceituais ou vetores de sentido, ainda que existam no meu projeto.

Chego ao segundo ano agradecido aos leitores, aos quais dediquei o volume de *Diálogo de culturas*. O leitor é um bom julgador quando se alegra e quando se irrita. Ele existe como conceito e como comunicação real. Tenho quem me ame por princípio e, claro, desenvolvi os *haters* sistemáticos. A rigor, ambos me procuram e analisam. Um dos aprendizados da grande mídia é que a responsabilidade do autor sobre o texto é vaga. Solto ao ar, como pluma de cinco mil toques, desperta tudo ao sabor de um vento subjetivo. O mais interessante, quase sistemático, é que a mesma crônica recebe uma reação indignada por eu ser um comunista fanático e militante de esquerda, e, da mesma forma, idênticas letras levam alguém a me achar reacionário e um aristocrata de direita. É um gesto de humildade do autor não querer dominar ou dirigir a hermenêutica do leitor. Ela pertence ao imponderável e ao subjetivo. Não preciso recorrer à autoridade de Roland Barthes ou de Umberto Eco, também a seu tempo escritores de grande mídia. Mais grave: se eles que eram definidores gigantes de cultura tiveram o problema, muito mais eu deveria sofrer o caráter aberto de todo signo. E há que se considerar que talvez os que me apontam militância de esquerda ou reacionarismo estejam corretos, pois notam tanto minha vontade de

combater desigualdade e racismo como percebem meu afeto pela cultura clássica e por arte. Gosto de supor que isso me torna mais humano do que contraditório. Como a GH de Clarice Lispector, estou tentando entender. Mais uma vez recorro ao meu estimado leitor e à minha querida leitora: discordem, concluam, concordem ou lamentem, mas sempre leiam e formem sua própria peça multifacetada da aventura do saber. A magia do conhecimento é maior do que todos nós.

Agradeço à Editora Contexto, que foi pioneira em ver algum valor em mim. Agradeço ao jornal o *Estado de S. Paulo*, que reconhece ampla, absoluta e respeitosa liberdade de temas e enfoques. Editoras e jornais livres e independentes tornam o trabalho de pensar mais fácil. Ambos colaboram muito para construir a complexa e claudicante democracia brasileira.

Um agradecimento especial a três pessoas fundamentais em minha vida. Com elas troquei ideias, pedi sugestões e delas recebi revisões sempre necessárias. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, Rose Karnal e Valdevez Carneiro da Silva (que assina o prefácio) ajudam-me imensamente na tarefa de lapidar textos. Muito obrigado aos três. Imprensa livre, como eu disse, garante que exista espaço para se dizer algo. Amigos garantem que haja um sentido em comunicar. Aos três, minha gratidão afetiva como amigo e aprendiz.